



## ENTRE/PATRIMÔNIO

[www.correio24horas.com.br](http://www.correio24horas.com.br)

# Que casa é essa?

**História** Construída no século 19, a Casa Amarela desperta curiosidade; casa integrará um píer do Corredor da Vitória

Envolta ao verde da mata, sob os arranha-céus que se projetam acima, há uma – e somente ela – Casa Amarela. Ela desconhece vizinhos e, desde 2014, não tem moradores. É como uma ilha que sobreviveu ao tempo, protegida por um muro de pedras que contém o mar.

O imóvel será entregue, neste mês, como parte do píer da Mansão Wildberger, no Corredor da Vitória, construído no lugar de um casarão que dá nome ao edifício de 40 andares, o mais alto de Salvador. A Casa Amarela, que agora terá uma piscina à frente e uma ponte que leva para o mar, era o último casarão do século 19 habitado no bairro e o único que sobreviveu naquela área de onde os ingleses acompanhavam, por interesses comerciais, a movimentação portuária.

Há apenas duas formas de ver a Casa Amarela: pelo mar ou de um dos apartamentos mais ao leste do Corredor da Vitória. De costas para a cidade, as janelas azuis da Casa dão para um horizonte de água. Na década de 70, o empresário cubano Daniel Solis, 80 anos, velejava por ali e avistava o imóvel. O estrangeiro tinha acabado de chegar a Salvador, para a construção do Hotel Hilton, o que nunca aconteceu, e ficava deslumbrado com a composição de mar, mato, construção e encosta.

Durante quinze anos, trocou de endereço duas vezes, e não desistiu de encontrar o dono do sobrado. Procurava, perguntava nomes, mas nunca desvendava quem era o proprietário, que depois se revelou o advogado paulista Benedito Patti. Numa das viagens de trabalho que fazia a São Paulo, Daniel, coincidentemente amigo de um genro de Benedito, soube que o advogado queria vender a casa. Era a oportunidade que buscava. "De início, eu não pensava em morar, a ideia era passar o dia. Mas a gente foi se adaptando", lembra Daniel.

A Vila Brandão já existia,

mas era uma comunidade menor e ainda longe dos olhos do turismo, sem estrada que levasse à Casa Amarela. A família Solis – Daniel, Lucy e três filhos – descia a pé ou de carro Toyota Bandeirante, com pastel e frango, para passar o dia. Os cinco já moravam de frente para o mar e Lucy não gostou, de pronto, quando o marido apareceu com ideia de se mudarem para o novo endereço. A residência estava em pleno isolamento e eles, consequentemente, também ficaram mais isolados da vida social cotidiana. Depois, cedeu, e todos se mudaram em 1990.

Durante a reforma que antecedeu a mudança, a estrutura foi preservada e um anexo lateral térreo adicionado. A estradinha de pedras que hoje existe na Vila Brandão foi construída pela família de origem cubana àquela época, para conectá-los à residência. Instalados, precisaram se acostumar. Morar na Casa Amarela era como viver numa "obra de arte", metáforiza o artista plástico e arquiteto José Ignacio Solis, filho de Daniel.

"Levamos um tempo para nos acostumarmos ao tempo bom e ao tempo ruim. Era uma experiência suis generis [morar lá]", define ele, responsável pelo estudo da tipologia e das características da casa para a reforma.

Separada do mar apenas por um muro de pedra e rodeada de mato, não há qualquer outro casarão habitável, daquele porte e com aquele entorno, em Salvador. Os únicos sons que chegam à Casa Amarela são das ondas que batem no muro de pedras – "um dissipador de energia", como Daniel gosta de chamá-lo – e do vento, que fica mais intenso em dias de chuva.

"Dois arquitetos tinham sido buscados por meu pai e eles queriam construir outra casa", lembra José Ignacio. Tanto quanto possível, as estruturas inspiradas na arquitetura italiana foram mantidas, exceto pela retirada de divisões internas. A casa ficou com quatro quartos, três salas e 400 m<sup>2</sup> de área.

### 1830

É a data em que se tem o primeiro registro documentado da existência da Casa Amarela

### 400M

Tamanho que a residência passa a ter depois da reforma de moradores

### 1940

Alta burguesia começa a deixar os casarões da Vitória rumo a bairros mais afastados

### 18

Número de casarões que continuaram a existir no Corredor da Vitória – apenas dois habitados

### 16

Piéres existem, atualmente, sob a encosta do bairro da Vitória



**1 Símbolo de luxo** Casa Amarela agora terá uma piscina à frente e uma ponte que leva para o mar. Região da Vitória tem ao menos 16 píeres **2 Como ela era** Registro de 2019 mostra Casa Amarela, único casarão que sobreviveu nessa região da cidade, antes de virar parte de pier (Foto: Isadora Sodré/Divulgação)



**Fernanda Santana**

texto  
fernanda.lima@  
redebahia.com.br



**Paula Fróes**

foto  
paulafróes@  
gmail.com

●● **Levamos um tempo para nos acostumar. Era uma experiência suís generis morar lá** José Ignacio Solís

Artista plástico, um dos moradores da casa

●● **De início, não pensava em morar, a ideia era passar o dia. Mas a gente foi se adaptando**

Daniel Solís

Empresário comprou a Casa Amarela na década de 80, admirado pelo lugar

Wildberger, da família Calmon, e muitos outros, fossem demolidos", explica ele.

A família Patti, de todo modo, nunca chegaria a passar verões na Casa Amarela. Em 1964, com o Golpe Militar, Patti foi preso, e não retornou à Bahia. A venda da Casa a Daniel permitiu que ela não entrasse no arruinamento que o arquiteto Paulo tinha previsto. Depois da morte de Margarida Costa Pinto, em 1979, no entanto, uma briga judicial entre os Solís e os Costa Pinto teve início. Os herdeiros da falecida afirmavam que não existiam provas da venda. "Encontramos um documento que comprova que ela tinha vendido a residência", conta José Ignacio.

As visitas não eram muitos constantes à casa, cercada ao fundo por um muro azul onde está grafado o nome "Casa Amarela". "A casa intimidava", conta Ignacio. E intimidava tanto que nem ladrões se atreviam a aparecer. Mas não intimidava os Solís que, lá dentro, viviam na cidade, como se morassem numa ilha. Tinham os vizinhos da Vila Brandão, mas, na prática, é como se estivesse longe de tudo.

Ao acordar, Daniel, que anos antes via a casa à distância, ia mergulhar no mar "do melhor banho", como ele considera, e depois começava a trabalhar. Hoje, ele vive em um apartamento com a esposa, mas não demonstra saudosismo. "A Casa Amarela, como tudo na vida, foi uma fase", acredita.

Foi quando os filhos cresceram que Daniel e Lucy perceberam que era hora de mudarem. Antes, Daniel conta que já tinha recebido propostas de venda. Nada, no entanto, que valesse a pena a mudança. Em 2014, eles disseram "sim" à proposta feita pelo Consórcio de construtora MRM e João Fortes Engenharia, que construiu a Mansão Wildberger. Mas, fizeram uma exigência: a Casa Amarela não poderia ser demolida, nem modificada. Deveria permanecer da forma que a deixaram e para sempre pintada de amarelo.

## CASARÕES DA VITÓRIA

### ● TRADIÇÃO DO PASSADO

Entre o século 19 e início do século 20, o Corredor da Vitória era o bairro preferido da alta burguesia, pela possibilidade de ar fresco e terrenos amplos para construção. Hoje, restam 18 casarões no bairro – só dois habitados

### ● O APELO DO MAR

A vista para o mar era uma das qualidades que os ingleses viam no endereço, já que acompanhavam de lá a movimentação portuária. A vista para o mar, no entanto, só viraria um atrativo imobiliário anos mais tarde

### ● MUDANÇA NA PAISAGEM

Em 1940, essa alta burguesia migra, por vontade ou decadência financeira, para bairros mais distantes, como o Itaigara, e a classe média ocupa esse espaço

### ● PRÉDIOS LÁ EM CIMA

As mudanças na legislação permitem prédios mais altos e, a partir da década de 80, a classe mais alta retorna ao endereço, onde começam a ser construídos teleféricos que conectam os edifícios ao mar

## O DESAPARECIMENTO DOS CASARÕES

Os bairros da Barra, Campo Grande, Corredor da Vitória e Graça eram os destinos favoritos da alta burguesia sotopolitana. Entre eles, o Corredor da Vitória era o protagonista, pela vegetação, que tornava o ar mais puro, e a possibilidade de construir casas recuadas da pista. "O Corredor da Vitória era o cartão de visitas da cidade, dessa burguesia", elenca o historiador Rafael Dantas.

O Centro Antigo, no século 19, já não era mais interessante para os mais ricos. Era uma época de epidemias e as ruas estreitas pareciam um pesadelo para a elite. Entre o Corredor da Vitória e a Graça, as famílias tradicionais ergueram seus casarões com estilos neoclássico e eclético.

A ruína das famílias nobres que antes dependiam do escravagismo, acompanhada da urbanização das cidades, reinventou a ordem e essas famílias migraram para bairros mais afastados, como o Itaigara, na metade do século passado.

Aos casarões, que não eram tombados, não restou muito. Hoje, 18 casarões sobrevivem no endereço – só dois habitados. O Corredor da Vitória não possui nenhum casarão tombado, o que impede calcular quantos desapareceram. Em 2005, um pedido de tombamento provisório aconteceu, mas não foi para frente.

O Corredor da Vitória dos casarões começa a ser transformado no Corredor da Vitória dos espigões na década de 40, mapeia a arquiteta e professora da Universidade Federal da Bahia Luciana Guerra, com a emigração dos antigos moradores.

A classe média chegou para ocupar os espaços deixados, e, só depois a classe mais alta retornou, com mudanças na legislação, entre 1976 e 1987, que empurraram o topo dos prédios para o céu. Hoje, o metro quadrado lá custa até R\$ 7,6 mil. "Esse retorno começa em 1987, com a construção do prédio Mansão Carlos Costa Pinto".

O status social dos moradores passa a ser denotado pelos próprios nomes dos edifícios – com palavras como "mansão" – e pelos decks privados no mar, ligados aos prédios por teleféricos. Os aiores precisam ter autorização da Secretaria de Coordenação e Governança do Patrimônio da União e da Capitania dos Portos. "O marco do luxo é o pier", opina Luciana. Atualmente, existem 16 pieres no bairro.

O primeiro prédio a ter um pier foi o Mansão Carlos Costa Pinto, nome do antigo proprietário da Casa Amarela, que agora também será parte de mais um deles.

### TOMBAMENTO PLANEJADO

Os primeiros registros que se têm da Casa Amarela datam de 1830. Os documentos levam à conclusão de que ela foi construída pelo cônsul inglês William Pennel, enterrado no Cemitério dos Ingleses, a um quilômetro da residência. O estrangeiro é citado num estudo do Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Oxford, assinado por Louise Guenther, como "o melhor documentador britânico na Bahia no século 19".

A maioria dos ingleses, como mostra o estudo, morava na Vitória, que dava para o mar onde navegavam embarcações com mercadorias ou africanos escravizados. Nessa época, a pintora inglesa Maria Graham esteve num saraú numa casa, onde ficou admirada pelo fato de ela "pender à Baía" e que, atrás, existissem "flores e frutas que se misturam até a beira d'água". Essa residência era a Casa Amarela.

Não se sabe ao certo o que ocorreu depois da morte de Pennel. Nos registros do Museu Carlos Costa Pinto, no Corredor da Vitória, constam que 16 propriedades do Beco do Wilson, então um dos acessos para a Casa Amarela, além de barco, foram vendidas a Carlos Costa Pinto, pelos herdeiros de José Ventin Duran. Tudo indica que o novo

dono usava a casa como apoio para seus passeios de lancha, segundo informado pelo Museu à reportagem.

A residência estava num local privilegiado não pela vista ao mar, que só se tornou um atrativo imobiliário na década de 80, mas pelas nascentes de água no terreno. Antes da inauguração da barragem de Pedra do Cavalo, em 1985, na cidade de Cachoeira, Salvador sofria sucessivas crises de desabastecimento, e dispor de uma nascente, como a que ainda hoje existe na Casa Amarela, era um diferencial.

O imóvel permaneceu com a família Costa Pinto até Margarida Costa Pinto vendê-la a Benedito Patti, no início da década de 60. O advogado tinha chegado em Salvador com a família, para passar férias, e estava encantado com a cidade, onde queria ter uma casa de veraneio.

O arquiteto Paulo Ormino de Azevedo foi quem sugeriu a Casa Amarela como opção para os visitantes. Pouco tempo antes, ele, que na época era estagiário da Secretaria de Patrimônio Histórico Nacional – o atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – esteve na casa para avaliar um possível tombamento que não foi adiante.

"A casa estava em ruína. Seria interessante recuperá-la como testemunho de uma residência urbana com um pavilhão à beira mar. Saimos de barco e a família Patti se maravilhou. Ele entrou em contato com dona Margarida e a comprou", lembra.

O historiador Rafael Dantas comenta que os tombamentos contemplaram, sobretudo, casarões neoclássicos, que remetem a uma arquitetura inspirada na antiguidade clássica grega e romana. Isso pode justificar o fato de o tombamento da casa sob os pés da encosta do Corredor da Vitória não ter sido aprovado. "Os tombamentos ocorrem muito mais em casas neoclássicas. A mentalidade não valorizava o eclético. Isso fez com que os casarões, como o